## Sociologia Móvel

URRY, John. Sociologia Móvel. In: Outras sociologias do trabalho: Flexibilidade, emoções e mobilidades. São Carlos: EdUFSCAR, 2013 [2000].

Bruno Vieira Borges

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo (PPGS-USP). Pesquisador associado ao Observatório do Lazer e do Esporte (OLÉ) e do grupo de pesquisa Mobilidade: Teoria, Temas e Métodos (MTTM). E-mail: brunovieiraborges@usp.br

Guilherme Olímpio Fagundes

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo (PPGS-USP). Pesquisador associado ao Centro de Inteligência Artificial (C4AI/USP) e do grupo de pesquisa Mobilidade: Teoria, Temas e Métodos (MTTM). E-mail: guilherme.olimpio@usp.br

## Contextualização

O texto em foco é de John Urry. Embora graduado em Economia pela prestigiada Cambridge University, foi no domínio da Sociologia que o autor mais se destacou, tornando-se um de seus principais nomes, sobretudo, nos anos 1990 e 2000. Sua “fiel” vida institucional centrou-se na Lancaster University, onde passou quase cinco décadas, ajudou a fundar o *Center for Mobilities Research* (CeMoRe) e obteve o importante título de *Distinguished Professor* (FREIRE-MEDEIROS, 2016:139-140).

 Originalmente publicado no primeiro fascículo do 51º volume do *The British Journal of Sociology*, o qual reuniu uma série de autores interessados em refletir sobre os dilemas da globalização, o artigo *Mobile Sociology* figura entre os mais relevantes da década de 2000. Em 2013, foi traduzido para compor a coletânea “*Outras sociologias do trabalho*”. Será essa versão a que analisaremos.

**Argumento Central**

Tendo em vista as mudanças sociais ocorridas na segunda metade do século XX, John Urry questiona se a “sociedade” permanece relevante enquanto premissa atemporal e, em especial, como sendo o objeto sociológico por excelência (URRY, 2013:43). Tradicionalmente compreendido com base nos “estados-nacionais”, o conceito amplo de “sociedade” alicerçou em seu núcleo conceitos de “soberania”, “cidadania nacional” e “governabilidade” pouco receptivos às relações sociais que extrapolam os limites territoriais formalmente estabelecidos (URRY, 2013:47).

Urry identifica o esgotamento desse princípio explicativo. Para ele, há uma interdependência global produtora de mundos sociais designados por fluxos, circulações, esperas e entraves que se dão em diferentes escalas e ritmos. Nesse sentido, torna-se vital reconsiderar as metáforas interpretativas que são adotadas na produção do conhecimento social. Em diálogo com Mol e Law (1994), Urry cita três delas que estão associadas ao espaço: regiões, redes e fluidos. Se o primeiro corresponde a objetos agrupados em um local cujos limites são delineados ao seu redor e o segundo entende a distância como fruto das relações entre componentes das redes, o terceiro atribui uma maior fluidez às fronteiras, captando suas porosidades e vazões (URRY, 2013:50).

O que favorece o alcance global de uma ação é sua adesão a uma rede, estrutura aberta dinamicamente e capaz de produzir comunicação com novos nós. Quando a rede se estabiliza, os nós aumentam de escala (URRY, 2013:52). Nesse sentido, o sociólogo introduz a importante ideia de *scape*, que sinaliza como redes de máquinas, tecnologias, organizações, textos e atores constituem vários ‘nós’ interconectados e responsáveis por mediar a transmissão desigual dos fluxos em diferentes escalas (URRY, 2013:53). Se as redes dão sustentação a organizações, os fluidos são mais desinstitucionalizados, viscosos, sem finalidade inerente, com seus próprios traçados (URRY, 2013:54).

A conclusão de Urry é que a sociologia tradicional não oferece caminhos interpretativos satisfatórios para cobrir e incorporar as “complexidades” e os “híbridos” que pautam e surgem desse mundo de (i)mobilidades. As noções de “complexidade”, elaboradas em diálogo com as “ciências duras”, em especial com os estudos da “virada quântica” e da teoria do caos, apontam para o grande número de elementos que se relacionam entre si na contemporaneidade, englobando, ao longo do tempo, ciclos positivos e negativos de retroalimentação (ou *feedback*). A cada iteração, efeitos emergentes não intencionais, não lineares e, até mesmo, irreversíveis, são aflorados. Em outras palavras, Urry incita-nos a verificar como pequenas relações entre elementos podem produzir consequências mais amplas (URRY, 2013:56), isto é, os efeitos dos sistemas híbridos (entre humanos e não-humanos) que configuram as mobilidades não são previsíveis, embora igualmente estejam longe de serem anárquicos ou totalmente desordenados. Os processos de “centriferia”, recuperados por Urry de Baker (1993), exemplificam como instituições sociais, políticas e econômicas estão em desequilíbrio.

Como possibilidade, Urry advoga por uma sociologia “pós-disciplinar”, que aproveite de seu menor engessamento institucional para acolher contribuições de outras ciências e ser, assim, atenta às mobilidades de corpos, ideias, materialidades, e às complexas redes de interdependências que as sustentam (URRY, 2013:62).

## Apreciação Crítica

Urry oferece, em seu artigo, elementos para uma sociologia móvel que dê conta da emergência de uma sociedade que não está autocontida em seus limites territoriais. O autor sugere que até mesmo no auge dos “Estados-nação” era impossível falar em autonomia irrestrita por parte dos Estados, havendo, na verdade, um sistema entre eles (URRY, 2013:47). No entanto, poderíamos arrastar essa máxima para uma história de longuíssima duração. Braudel (1983) foi cirúrgico ao ler o Mediterrâneo, para além de uma sucessão de mares, como um “encontro de civilizações”, um conjunto de atividades econômicas, políticas, militares, linguísticas e culturais.

 De qualquer maneira, John Urry insere-se numa espécie de *zeitgeist*. Em especial no último par de décadas do século XX, emergiram constelações teóricas acerca da fluidez social, do fim do capitalismo organizado, da sociedade em rede, dos limites do estado de bem-estar, do aumento do risco, e assim por diante. Com suas particularidades e divergências, o centro de atração entre autores como Beck, Bauman, Castells, Lash, Law, Lyotard e o próprio Urry girou em torno da necessidade de oferecer leituras para o impacto profundo causado pelas novas tecnologias, em especial a nova estrutura de comunicação, nas sociabilidades em escala global.

Como sublinharam Freire-Medeiros e Lages (2020:121), o resultado dessa empreitada foi a reconfiguração de noções que eram tomadas como autoevidentes. Para muitos autores clássicos, “sociedade” é, ao mesmo tempo, um objeto de estudo e uma premissa atemporal – raciocínio que serviu à consolidação da sociologia enquanto disciplina e ciência. No entanto, “sociedade” é, com efeito, um construto geohistoricamente delimitado e não se reduz a contraposição de fatos sociais a fatos naturais. Para Urry (2013:49), em um mundo em que na vanguarda dos processos sociais temos não-humanos, torna-se especialmente obsoleto operar nesses termos.

Por conta dessa carência e de outros questionamentos, novas metáforas surgiram com a finalidade de aproximar, semanticamente, este mundo social *on the move* da escrita acadêmica. É importante, nesse sentido, compreender “Sociologia móvel” como um artigo exploratório. O vocábulo “fluido” que nele aparece, débito da difusão massiva das ideias de Bauman, não foi mais recuperado por Urry dessa forma em argumentos posteriores. Igualmente, a noção de “rede”, inspirada em Mol e Law (1994) e Castells (1996), foi sendo revista pelo sociólogo britânico em razão de seu investimento intelectual na importância dos “laços fracos”, de modo a recusar “rede” como fator explicativo absoluto (FREIRE-MEDEIROS & LAGES, 2020:125).

Em defesa de uma sociologia que deve mirar a “transdisciplinaridade” ou, no limite, ser “pós-disciplinar”, John Urry (2013:62) pensa nos sistemas complexos como forma de capturar as diversas interdependências híbridas que caracterizam o mundo contemporâneo. Ao produzir uma “teorização mais móvel”, o autor não almeja uma apologia dos movimentos, como se estivéssemos vivendo em uma era líquida por excelência. Ao contrário, em diálogo com autores como Brunn e Leinbach (1991), Urry propõe-se a pensar sobre as desigualdades de fluxo e estagnação: Quem pode se mover? Quem é forçado a se mover? Quem não pode se mover? Quem faz valer o privilégio de ficar parado? Para Urry (2013:53), perguntas aparentemente simples como essas estão no cerne constitutivo das instituições e práticas; devemos tratá-las com seriedade.

Quando falamos de desigualdade – como a de fluxo –, precisamos pensar nos recursos ou recompensas que estão em disputa pelos agentes sociais. Vai, nessa direção, a proposta de “motilidade” feita por Kaufmann, Bergman e Joye (2004). De acordo com os autores, motilidade pode ser concebida como a capacidade ou potência de entes sociais de se moverem, acessarem e se apropriarem do espaço social e geográfico (KAUFMANN *et al*, 2004:750). O *acesso* refere-se ao conjunto de mobilidades possíveis segundo lugar, tempo e outros constrangimentos contextuais, influenciados por redes distribuídas no território e restritas às opções e condições à disposição dos agentes. Já a *competência* inclui habilidades que podem se relacionar direta ou indiretamente com o acesso e a apropriação, enquanto a *apropriação* refere-se a como os agentes interpretam e agem sobre o acesso e as capacidades. Como a motilidade é intercambiável para outras formas (como econômica, cultural, simbólica, social, dentre outras), ela pode ser analisada como capital (KAUFMANN *et al*, 2004:752).

Outra forma de pensar nesse tipo de desigualdade é através das possibilidades de abertura, porosidade e invenção oferecidas pelas diferentes relações sociais, mais ou menos fincadas em um espaço específico. Apontando a deficiência de se pensar a história da modernidade de forma isomórfica (espaços/lugares e culturas/sociedades) ou, ao contrário, como uma corrente de fluxos “sem grilhões”, Doreen Massey (2007:152-153) sustenta que devemos entendê-la a partir de suas sobreposições de poder, incluindo tanto as relações locais “dentro do lugar” quanto as que vão além dele.

Frequentemente mobilizado por Urry no artigo em análise, a noção de “fluxo” (*flow*) é criticada por Knowles (2010). Para ela, o termo traz mal-entendidos ao não descrever adequadamente como acontece o movimento, negligenciando seu contexto e as relações constituídas pelos entes sociais (KNOWLES, 2010:374). Os entes sociais não “fluem”, mas planejam, viajam, superam obstáculos – ou, então, são constrangidos por eles –, caminham para outras direções e enfrentam contingências cotidianas.

Por esse motivo, Knowles (2010:374) propõe substituir a metáfora de “fluxo” por “viagens”, “jornadas” e “navegações”. A primeira corresponde às mobilidades rotineiras, o que leva a identificação de *como* viajam, *para onde*, *quão longe*, *quais* as circunstâncias, *o que* acontece enquanto viajam. Já as jornadas envolvem itinerários específicos, cíclicos e regulares, capazes de conectar lugares, sendo necessário capturar seus *meios* e *propósitos* (KNOWLES, 2010:375). Por fim, navegar destaca a habilidade social de planejar e executar jornadas, que sempre possuem contingência e improviso (KNOWLES, 2010:376). Os objetos também não fluem, mas são “feitos mover” por alguém em um dado lugar, o que requer prestar atenção aos mecanismos que fazem esse circuito móvel de corpos e materialidades operar (KNOWLES, 2010:377-378).

A sociologia tradicional a que Urry tece interlocuções preocupou-se com a mobilidade em seu sentido vertical, isto é, no âmbito da estratificação social, como Sorokin e outros representantes da sociologia estadunidense de meados do século XX (FREIRE-MEDEIROS; TELLES; ALLIS, 2018:3). Urry sugere pensar mobilidade, também, em sua dimensão horizontal, considerando as redes de interdependência por onde materialidades, corpos, ideias, dentre outros entes, circulam desigualmente - e aqui reside muito da contribuição da “virada espacial”, que deixou de enxergar o espaço como um dado *a priori*.

Construir uma sociologia de “marginalidade criativa”, cujo deslocamento para as fronteiras das disciplinas é lido como formador de hibridismos produtivos, deve ser o primeiro passo para a “teorização móvel” (URRY, 2013:62-63). As temporalidades e espacialidades que estão sendo constantemente redefinidas no avançar de uma sociedade midiatizada, só poderão ser capturadas pelos cientistas sociais se eles debaterem sob o mesmo estatuto a imagem e a paisagem; o virtual e o físico; o humano e o não-humano. Esse é o desafio, nada fácil, que John Urry nos lançou.

## Referências Complementares

BAKER, Patrick. Chaos, order and sociological theory. *Sociological Inquiry*, 63 (1), p. 123-149, 1993;

BRAUDEL, Fernand. *Mediterrâneo e o mundo mediterrânico*, vol. 1. São Paulo: Martins Fontes, 1983;

BRUNN, Stanley; LEINBACH, Thomas. *Collapsing Space and Time*: Geographic Aspects of Communications and Information. Nova Iorque: Harper Collins, 1991;

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. ‘In Memoriam’: John Urry (1946-2016). *Plural*, São Paulo, 23 (2), 138-141, 2016;

FREIRE-MEDEIROS, Bianca; LAGES, Mauricio. A virada das mobilidades: fluxos, fixos e fricções. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, online, 123 (1), 2020;

FREIRE-MEDEIROS, Bianca; TELLES, Vera; ALLIS, Thiago. Por uma sociologia ‘on the move’. *Tempo Social*, São Paulo, 30 (2), 2018;

KAUFMANN, Vincent. Mobile social science: creating a dialogue among the sociologies. *The British Journal of Sociology*, 61 (s1), 2010;

KAUFMANN, Vincent; BERGMAN, Manfred; JOYE, Dominique. Motility: Mobility as capital. *International Journal of Urban and Regional Research*, 28 (4), 2004;

KNOWLES, Caroline. Mobile sociology. *The British Journal of Sociology*, 61(s1), 2010;

MASSEY, Doreen. Imaginando a globalização: geometrias de poder de tempo-espaço. *Revista Discente Expressões Geográficas*, 1 (3), 2007;

MOL, Annemarie; LAW, John. Regions, networks and fluids: anaemia and social topology. *Social Studies of Science*, 24 (1), 1994.